

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

DESENVOLVIMENTO DESIGUAL

Giovana Mendes Oliveira
Boletim Gaúcho de Geografia, 18: 70-72, maio, 1991.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/40180/26176>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 1991

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

ta instituição ligadas ao "assessoramento a política de preservação do meio ambiente; Ricardo Nerher, Ecólogo da Magna Engenharia S.A. que apresenta modelos de RIMAS elevados no Rio Grande do Sul; Prof. Osvaldo Sevá, Engenheiro Mecânico, Doutor em Geografia, em seus dois textos Avaliação crítica de Tecnologias e de Processos Produtivos e Energia e Meio Ambiente, faz uma análise crítica não só do processo produtivo bem como da degradação daí decorrente para os anos 90 no Brasil; Marcelo Domingues, Geógrafo, Professor da FURGS-RS, levanta em seu artigo questão sobre a Participação da Universidade, sua responsabilidade na articulação e o respeito às questões levantadas no RIMA, sua análise vai no sentido de discutir sobre, a necessidade de "colocar a universidade a serviço da coletividade"; Ivar Paván, membro da Executiva da CRAB (Comissão Regional de Atingidos por Barragens do Alto Uruguai, faz um breve histórico do movimento de atingidos por barragens, neste texto mostra entre outras questões o desenvolvimento por parte dos atingidos pela construção de barragens, dos resultados dos EIA/RIMAS

A variabilidade temática e de profissionais envolvidos neste trabalho bem demonstram a importância desta referência. Nela se expressam não só posições distintas, como fica claro a necessidade de continuidade da discussão. Trata-se portanto de trabalho de alto significado, que surge no momento oportuno e que vem sistematizar e subsidiar a discussão dos EIA/RIMA, feita com, cada vez mais intensidade na atual conjuntura e que está a disposição no Departamento de Geografia da UFRGS de todos os profissionais interessados no tema.

Dirce Maria A. Suertegaray*

* Professora do Departamento de Geografia da UFRGS.

Desenvolvimento Desigual

O livro trata a respeito da teoria do desenvolvimento desigual¹. Com herança marxista, a obra é fundamentada e orientada para explicar a estrutura econômica, política e social da sociedade. O autor procura revelar melhor a geografia do capitalismo, onde há uma necessidade de igualar e diferenciar espaços. Para tanto o trabalho passa pela análise dos conceitos de natureza, espaço e produção do espaço.

¹ SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual**. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 1988, 250p.

Ao abordar a natureza o autor faz uma discussão sobre as diversas ideologias que são atribuídas a idéia de natureza, onde conclui que até hoje sempre houve uma divisão entre natureza exterior e universal. Diante disso a proposição a seguir parte da visão de produção da natureza, isso porque é a relação homem-natureza que dá uma unidade, pois à medida que o homem trabalha ele está modificando não só a natureza mas a si mesmo. Dentro dessa proposição o autor também desenvolve a inter-ligação entre excedente e controle da natureza, e os conceitos de 1ª e 2ª natureza, onde a primeira seria o valor de uso e a segunda englobaria as relações humanas produzidas a partir do valor de uso e de troca.

Se a natureza é produzida o espaço também segue o mesmo caminho, assim Smith faz uma discussão do conceito de espaço passando por diversas concepções, mas é dentro da visão marxista que o autor procura clarear os conceitos de espaço abasoluto e espaço relativo. O espaço relativo será resultado dos processos abstratos do trabalho, o absoluto será o processo concreto do trabalho. Essa produção do espaço no capitalismo vai gerar um desenvolvimento desigual que é resultado direto da dialética da diferenciação e igualização do espaço geográfico. Esta diferenciação se dá no espaço absoluto e em diversas escalas desse mesmo espaço. A tendência oposta, a igualização, gera espaços relativos.

O processo de desenvolvimento desigual não se dissocia da escala geográfica, as quais o capital atua diferentemente. Essas escalas são: urbana, global e do Estado-Nação.

A escala global é definida a nível das relações de produção, a capital necessita acumular e de mercado de consumo; como isso não pode acontecer ao mesmo tempo, há produção de lugares diferentes para atender as necessidades do capital.

A escala Estado-Nação é produto menos direto dessa contradição do capital. Aqui formam-se as bases infra-estruturais, leis e regulamentação de produção da força de trabalho, para a produção de mais valia relativa, bem como centralização do capital em certas regiões.

Na escala urbana há a capitalização do espaço absoluto da produção. Verifica-se uma diferenciação no uso do solo, no espaço de produção e reprodução.

O autor termina a obra tecendo comentários a respeito da reestruturação do capital, onde o desenvolvimento desigual mostra uma desigualdade social, ou seja, está ligado com a luta de classes e a situação do terceiro mundo.

O que se verifica, portanto, após o estudo do livro de Neil Smith, é uma valiosa reflexão filosófica de conceitos abordados na geografia. Além disso temos uma disposição bem fundamentada da produção do espaço e do espaço geográfico sob o capitalismo, onde há uma constante estruturação do espaço. É claro que a obra não é resposta para todas as questões que envolvem o desenvolvimento desigual, mas como o próprio autor relata, o

objetivo não é reduzir a realidade a um mero conceito, mas antes, pelo desenvolvimento do conceito teórico, iluminar a realidade do desenvolvimento desigual.

Giovana Mendes Oliveira

Uma Visão Crítica da Geografia do Subdesenvolvimento

A proposta da obra¹ é definida pelo próprio autor como sendo um livro que trata das teorias do desenvolvimento e do subdesenvolvimento e não dos processos em si. O livro não é nem pretende ser uma visão ampla de toda bibliografia sobre este tema, mas traz as principais teorias historicamente apresentadas. Com esta proposta de recensão a obra tem o mérito de reunir e ordenar (embora de forma arbitrária, o que não poderia ser diferente) o que há de mais significativo dentro da Geografia do subdesenvolvimento, ainda que a análise seja feita sempre resgatando as teorias econômicas do subdesenvolvimento.

A obra é dividida em três partes: primeira parte, Geografia e Desenvolvimento; segunda parte, A Economia Política do Subdesenvolvimento; Terceira parte, Regionalismo, Urbanização e Subdesenvolvimento. A primeira parte é constituída de três capítulos, onde o autor retoma, brevemente, o desenvolvimento das teorias geográficas, desde o início do processo de formação de uma economia mundial interligada (1460), passando pelo período imperialista, 1870 a 1930, onde o autor tenta indicar possíveis relações entre o desenvolvimento da Geografia no final do século passado e a expansão imperialista. No terceiro capítulo o autor entra nas teorias que considera o verdadeiro início da Geografia do desenvolvimento, lançando "um foco crítico no surgimento da Geografia colonial, nos estudos de área, a influência da teoria da modernização sobre a Geografia e o desenvolvimento de um foco de política popular pós-modernização". Na segunda parte do livro o autor analisa as teorias marxistas e neomarxistas na discussão sobre o subdesenvolvimento. No capítulo quarto a análise é sobre as teorias da dependência, em que o autor classifica de mecanicistas, "pois inevitavelmente produzem subdesenvolvimento e não oferecem escapatoria para isso". No quinto capítulo temos a abordagem da "articulação" dos modos de produção "em termos de interpretação se concentrava demasiadamente no determinismo estrutural e econômico". Na terceira parte (capítulos seis, sete e oito) o autor "procura avançar um pouco na construção de uma Geografia crítica e radical do subdesenvolvimento". No sexto capítulo o autor aborda a literatura não-marxista que embasa a doutrina do planejamen-

¹ FORBES, D.R. *Uma visão crítica da Geografia do Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1989, 344p.